

AS DIVINDADES DO CANDOMBLÉ DE ANGOLA: APROXIMIDADES E DIFERENÇAS ENTRE OS POVOS ORIGINÁRIOS DO BRASIL

Charlene Ramos Aguiar - Unimontes- Minas Gerais/Brasil

Palavras-chave: Caboblo;Candomblé;Afroindígena.

INTRODUÇÃO

As festas e os artefatos das entidades afroindígenas de candomblé Angola de raiz Moxikongo na cidade de Montes Claros/MG arremetem a relação entre as entidades afro-brasileiras e as entidades indígenas, especialmente dos caboclos que se manifestam no terreiro de Candomblé Angola e que trazem em suas particularidades culturas africanas e ameríndias. Levando em consideração a contribuição dos povos de terreiro como formas de resistência podem ser identificadas através da cultura, da culinária, da capoeira e das matrizes religiosas.

O presente estudo visa a futura produção de um trabalho de caráter etnográfico da relação entre o culto de caboclo e a relação afroindígena no terreiro Roça Nkongobila Ngunzo situado na Rua Bibiano Pinheiro, nº145 Bairro Santa Rafaela na cidade de Montes Claros/MG, onde os aspectos casa a qual estive frequentando desde o ano de 2006 como filha de santo e na casa Manzo Kaiala Mazambe situada no Sítio Santa Rita 2 Km 387 (Antiga Fazenda Serra Velha) Montes Claros/MG.

JUSTIFICATIVA

A “Relação Afroindígena” é um dos processos históricos é verificada a partir da colonização e a escravatura, a invasão dos portugueses em solo brasileiro onde os índios eram os habitantes nativos, e a escravatura, processo que retirou multidões do continente africano, pessoas que foram arrancadas de suas raízes para serem escravizadas em terras distantes, homens, mulheres e crianças chegaram no solo brasileiro a partir do Séc. XVI. Nesse contexto, segundo Rubens Silva, a condição posta era de nenhum direito a escolhas ou querer.

Essa situação objetiva imposta a mulheres, homens e até crianças, no contexto de longa duração em solo das terras brasileiras coloniais e onde exigiu, daqueles nossos antepassados da travessia, encontrar meios próprios para não se deixar levar pelo mal do banzo e sucumbir-se de vez; meios para manter a dignidade e o sentimento de valor que possuía como qualquer outro ser humano. (SILVA, 2021, p.2).

Márcio Goldman, analisa que o encontro dos africanos com os indígenas foi a maior atuação da desterritorialização e reterritorialização da história, e destaca o fato de não ter recebido a importância devida a tal acontecimento, uma vez que, “desses, uns 4 milhões chegaram ao que hoje chamamos de Brasil — onde, sabemos, já viviam milhões de indígenas, vítimas de um genocídio que, nunca é demais lembrar ao lado da diáspora africana sustenta a constituição do mundo moderno.”(GOLDMAN, 2014, p.215). Este encontro em terras brasileiras provocou uma soma de dois terços da maior mistura cultural já observada, já que o colonizador europeu a outra parte deste terço foi o causador de inúmeras barbáries, que ainda, por sinal era responsável por este acontecimento, ainda que de maneira forçada, obrigou que os povos indígenas se relacionassem com os povos africanos, fato que dificilmente iria ocorrer sem a intervenção brutal do escravizador, que muitas vezes é lembrado apenas como desbravador.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Observar, verificar, coletar e revisar e analisar os ritos, as festas e todos os artefatos que compõem essa relação entre o sagrado dos caboclos de candomblé Angola e os povos indígenas;

REFERENCIAL TEÓRICO

É válido salientar a diferença dos caboclos sertanejos, estes que advêm da Umbanda,

também denominados como “caboclos boiadeiros”, o qual podem a vir migrar para o culto de candomblé. Assim, dentre as práticas de caboclos/caboclas de origem dos cultos do catimbó, jurema sagrada e outros, estão o conhecimento e prática da manipulação de ervas e produção de remédios e curas medicinais fitoterápicas, além do culto a ancestralidade.

Importante destacar que as religiões de matriz africana são formadas por variadas culturas que de acordo Geertz (1973, p.15) “a cultura é uma teia de signos e significados”, tecendo as teias com a ancestralidade e suas simbologias a festa de caboclo Girassol se faz com suas particularidades, considerando assim uma mistura concreta por excelência.

Para o êxito deste objetivo geral, alguns objetivos específicos têm de ser auferidos, são eles: (1) caracterizar os elementos da cultura indígena e africana a partir da observação dos cultos e rituais praticados nos terreiros de Candomblé Angola e (2) mapear e descrever as semelhanças, proximidades e diferenças entre as entidades de matriz africana e as indígenas e seus artefatos.

Como aborda Goldman (2014), em última instância de extrair consequências teórico-experimentais efetivas das críticas antropológicas que ao longo dos últimos cem anos, vem insistindo na impossibilidade de determinação de qualquer “grande divisor” capaz de distinguir substantivamente os coletivos humanos entre si” A relação afroindígena no culto candomblé de caboclo é impossível haver este “grande divisor” já que para o candomblé, não há candomblé de caboclo sem candomblé de Nkisi¹.

Ao abordar um trabalho feito com o outro é necessário abordar a antropologia simétrica, traçando etnograficamente um pensamento contemporâneo, não partindo do pressuposto de que humano e o não-humano são lados diferentes.

Os ritos das religiões de matriz africana cultuam a sua ancestralidade mais próxima, a o candomblé de caboclo cultua-se essas entidades que em terra se denomina brasileiros, tendo em vista aspectos observados por Roger Bastide, o que o autor chama de “encontro e casamento dos Deuses africanos e dos espíritos indígenas no Brasil ” (Bastide 1974).

Adaptações foram feitas ao candomblé Angola o qual são cultuados os Caboclos “indígenas”, uma vez que aqui no Brasil os índios eram habitantes nativos da terra. O

candomblé de Angola busca assim enobrecer esses ancestrais, tendo em vista que os índios são nossos ancestrais mais próximos que já ocupavam as terras brasileiras ou seja nossa ancestralidade advinda dos povos indígenas. Em virtude de estudos e pesquisas próprias dos fatos mencionados acima, buscamos retribuir aos caboclos a sua identidade ameríndia, resgatando sua autonomia, liberdade, soberania e seu conhecimento dos meios ecológicos, ainda convém lembrar que há várias nações no Brasil tais como Jeje, Nagô, Ketu e Angola, mas o candomblé de Caboclo só se cultua na Nação Angola, introduzido aqui no Brasil pelo Senhor João Alves de Torres Filho "Joãozinho da Goméia/Tata Londira" época de muitas contradições e enfrentamento com o povo de santo baiano, pois julgavam ser uma loucura.

Buscando fazer uma conexão dessas misturas concretas respeitando as trocas existentes dentro dessas relações, escapando da ideologia dominante, do branqueamento e da estatização para narrar a presença das entidades indígenas no contexto das religiões de matriz africana sem o cabresto do branqueamento.

Os caboclos de candomblé Angola são entidades indígenas que são tidos como encantados, ou seja aqueles que não atravessaram o portal da morte, para os baianos que julgavam ser uma loucura e afronta cultuar caboclo no candomblé, uma vez que as religiões de matriz africana não se cultua caboclos e sim seus ancestrais africanos, pode-se afirmar que o candomblé de caboclo se tornou parte do candomblé brasileiro, essas entidades sempre quando estão presentes nos cultos se auto reafirmam entidades brasileiras, em seus costumes e suas cantigas sempre remetendo a sua brasilidade.

METODOLOGIA

O presente projeto trata-se de um trabalho de cunho qualitativo trazendo uma abordagem observacional e participante a partir de pesquisa bibliográfica e etnográfica demonstrando e revelando costumes, práticas ritualísticas e crenças.

A pesquisa se iniciará no terreiro Roça Ngongobila Ngunzo situado na Rua Bibiano Pinheiro, nº145 Bairro Santa Rafaela na cidade de Montes Claros/MG, casa a qual sou membra desde o ano de 2006 como filha de santo e na casa Manzo2 Kaiala Mazambe situada no Sítio Santa Rita2 Km 387 (Antiga Fazenda Serra Velha) Montes Claros/MG, fazendo o exercício de observar o familiar proposto por Gilberto Velho, procurando

manter o cuidado e o respeito de uma observação participante. Segundo Gilberto Velho (1978, p.123) “ A Antropologia, embora sem exclusividade, tradicionalmente, identificou-se com os métodos de pesquisa ditos qualitativos. A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado constituem sua marca registrada”.

Além da observação dos ritos, serão trabalhados os diálogos, através desses diálogos serão refletidas as questões afroindígena, para pensar essas relações culturais como forma de resistência para os povos de terreiro de matriz africana.

Afirma-se ser preciso que o pesquisador veja com olhos imparciais a realidade, evitando envolvimento que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões. Uma das possíveis decorrências deste raciocínio seria a valorização de métodos quantitativos que seriam "por natureza" mais neutros e científicos. (VELHO, 1978, p.123)

Os dados serão trabalhados a partir de uma abordagem qualitativa analisando os diálogos e as observações das festas de caboclo e seus rituais, avaliando de forma descritiva as formas do culto que se faz presente afirmar a relação afroindígena. Realizar uma observação participante entretanto pesquisar o campo onde você está inserido segundo Brandão (2007, p. 12) é uma vivência: “ou seja, é um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento, que diferentes categorias de pessoas fazem, realizam... antropólogo, educador e pessoas moradoras de uma comunidade”. Diante da argumentação do autor fortifica a proeminência da observação participante como método.

DISCUSSÃO

Entre as singularidades que revelam a cultura nacional, é largamente debatida a miscigenação entre os povos indígenas, africanos e europeus. O “Mito das Três Raças” sugere pensar o povo brasileiro a partir de uma relação afetuosa e sincrética. Porém, esclarece Roberto DaMata (2000) que esse mito esconde as contradições desse encontro civilizatório entre os diferentes povos. Não raro a ideologia dominante, através da imposição de determinados conhecimentos hegemônicos, buscou minar as resistências religiosas, que, sempre manteve-se firme contra o processo colonizador.

O branqueamento ou a estatização da relação afroindígena não marca apenas as investigações acadêmicas. Como se sabe, no caso brasileiro, assim como em muitos outros, encontro e a relação afroindígena, devidamente submetidos “à sociedade dos brancos”, foram pensadas com base naquilo que se convencionou chamar “mito das três raças”.(GOLDMAN, 2014 p.215).

Ao longo dos séculos os negros estabeleceram algumas formas de resistência que pode ser identificadas através da cultura, da culinária, da capoeira e das matrizes religiosas que são expressões desenvolvidas em solo brasileiro pelos filhos de pais africanos que vêm se unir aos povos indígenas e através das heranças desta união faz-se presente em vastos momentos de nossa cultura, desde artefatos culturais das festas de caboclo e na cozinha do candomblé onde são feitas desde comidas típicas indígenas e afrodescendentes. A relação afroindígena escrita assim mesmo, sem nenhuma separação e de forma entrelaçada, ou seja uma relação que existe entre os povos africanos e os povos indígenas. Logo, como exemplo presente, a capoeira criada em solo nacional, com o intuito de resistência e luta pela liberdade. Também adentrando a culinária da casa de candomblé, temos a feijoada dos povos africanos escravizados, que dentro do ritual de caboclo, ganha a farinha para se tornar o “capitão”, um bolinho de feijoada com farinha, no qual é moldado pelas mãos dos caboclos para a consumação dos filhos e visitantes da casa, com a prerrogativa de obtenção de cura e boas energias para a vida dos que recebem essa iguaria.

A partir da narrativa da presença das entidades indígenas nos terreiros de candomblé Angola, algumas questões são lançadas, dentre elas: como as entidades indígenas se constituíram no contexto das religiões de matriz africana? Quais elementos da cultura indígena e africana nos cultos e rituais praticados? É possível perceber as conexões, misturas concretas entre as entidades de matriz africana e as indígenas?

Envolvendo aqui uma antropologia simétrica, fazendo um trabalho com o outro e não um trabalho do outro. Busca-se a partir da festa do caboclo Girassol que por excelência podemos considerar uma mistura concreta, a qual integra elementos da cultura indígena e africana aos cultos e rituais praticados, elaborando uma análise das particularidades no campo de observação, então objetiva-se perceber e interpretar as festas e os artefatos das entidades afroindígenas de candomblé Angola de raiz Moxikongo na cidade de Montes Claros/MG.

Através do conceito simétrico e da realização do estudo com o outro, e não um estudo do outro, distanciando dos clichês da antropologia tradicional. O propósito é contribuir para a compreensão da relação entre as entidades afro-brasileiras e as entidades indígenas. Em especial, as manifestações dos caboclos que se manifestam nos terreiros de Candomblé Angola, trazem em suas particularidades culturas africanas e ameríndias, reafirmando assim o amarrado dessas teias culturais que simbolizam a cultura de matriz africana juntamente com a cultura indígena, Goldman (2014) determina essa relação como “afroindígena” trazendo em seus estudos no sentido mais forte da palavra “Relação Afroindígena”.

BIBLIOGRAFIA

- 1- BASTIDE, Roger. **As Américas negras**. São Paulo: EDUSP, 1974 [1967]
- 2- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1973.
- 3- BRANDÃO, CARLOS RODRIGUES. Reflexões sobre como fazer trabalho de

Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024)

campo. **Sociedade e cultura**, V. 10, N. 1, JAN./JUN. 2007, P. 11-27.

- 4- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Zahar Editores, 1973.
- 5- GOLDMAN, Marcio. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 23, p. 213-222, 2014 | 221
- 6- GOLDMAN, Marcio '**NADA É IGUAL**'. VARIACÕES SOBRE A RELAÇÃO AFROINDÍGENA; Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- 7- MELLO, Cecília C. do A. **Obras de arte e conceitos: cultura e antropologia do ponto de vista de um grupo afro-indígena na do sul da Bahia**. Dissertação de Mestrado – Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.
- 8- SILVA, Rubens A. da. Dossiê | **Religiões Afro, desigualdade e discriminação étnico – racial**. Argumentos, vol. 18, n.1, jan. /jun. 2021. Departamento de Ciências Sociais, Unimontes-MG.
- 9- VELHO, G. **Observando o família**. In: VELHO, G. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1987 deformarseus julgamentos e conclusões.

¹ Nkisi – divindade africana do panteão bantu/Jinkisi - plural.

²Manzo – Casa/Terreiro/Roça de Candomblé.